

SÍNDROME DE KEY-GASKELL EM FELINOS: RESUMO DE TEMA

Larissa Naienne Silva*, Luís Guilherme Lobo¹, Ana Luísa Lopes¹, Lucas Wagner Rosa¹, Júlia Alves Lima¹, Lucas Matheus Gonzaga Souza¹ e Andrine Cristiane Soares de Souza².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: larissa.naienne@gmail.com

²Doutoranda em Ciência Animal – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Key-Gaskell em gatos, também denominada Disautonomia Felina, é uma doença que acomete gânglios autonômicos, tendo como principal característica a degeneração neuronal^{5,7}. Dessa forma, os sinais clínicos se relacionam, principalmente, aos sistemas simpático e parassimpático⁵. Essa síndrome não possui causa esclarecida, sendo associada a um prognóstico desfavorável e a não existência de tratamento específico^{1,4,5}, representando um grande desafio na medicina veterinária. A epidemiologia no Brasil ainda é subestimada devido à dificuldade no diagnóstico⁶, já que possui sinais inespecíficos que variam muito entre os casos já relatados. Assim, esse trabalho visa resumir as informações disponíveis até o momento para melhor entendimento da condição.

MATERIAL

O presente estudo foi realizado por meio de revisão literária de artigos selecionados a partir de pesquisa nas plataformas Google Acadêmico e PubMed, além de literatura relacionada a área de clínica médica de animais de companhia.

RESUMO DE TEMA

A Síndrome de Key-Gaskell é uma doença degenerativa que acomete gânglios autonômicos gerando sinais clínicos de disfunção primária dos sistemas autonômicos simpático e parassimpático^{5,6}. Foi relatada pela primeira vez no Reino Unido em fevereiro de 1982 e, desde então, vários outros casos foram diagnosticados, principalmente na Europa e nos Estados Unidos^{3,7}. Por ser uma doença, em geral, de curso agudo, com sinais inespecíficos e prognóstico grave, a taxa de mortalidade é alta, chegando a 70%⁶. A predisposição parece ser relacionada a idade, sendo mais comum em animais jovens, a partir de 4 meses, e não havendo relação aparente com raça ou gênero⁴. A epidemiologia concentra casos em determinados locais, sugerindo que a etiologia seja relacionada a agentes tóxicos ou infecciosos⁶.

A doença é caracterizada por degeneração dos neurônios dos gânglios autonômicos (Fig. 1) e a causa ainda não é esclarecida em gatos, possuindo teorias que envolvem sucessibilidade genética, neurotoxinas e agentes infecciosos^{4,5}.

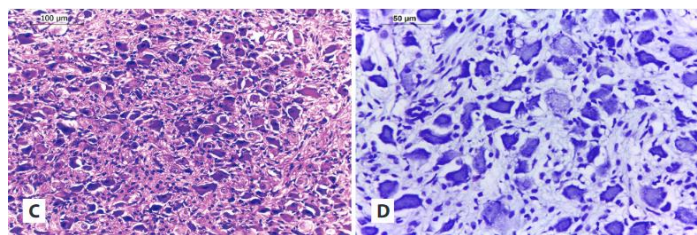


Figura 1: Histopatologia de gânglio cervico-torácico representando neurônios hipereosinofílicos com núcleo picnótico e deslocados para periferia (C) e uma cromatólise central (D), caracterizando degeneração. (Fonte: SCHAEFER *et al*, 2016)

Interessantemente, a disautonomia felina tem apresentação muito semelhante a disautonomia equina e, da mesma maneira, neurotoxinas de *Clostridium botulinum* tipo C foram encontradas em amostras de animais positivos de ambas espécies⁴, sugerindo correlação da doença com toxinas.

Os sinais clínicos são semelhantes entre as espécies^{4,8}, sendo que em felinos se destacam a midríase, disfunção no esôfago, nariz seco, redução da lágrima, prolapso de terceira pálpebra, regurgitação e constipação^{4,5} (Fig. 2 e 3), presentes em mais de 75% dos casos⁴. Alguns animais apresentam depressão, anorexia e disfunção generalizada dos reflexos

autônomos, observou-se uma ampla relação da síndrome com mucosas muito secas⁴ e, em uma menor quantidade de casos, megaesôfago⁶.



Figura 2: Felino portador da Síndrome de Key-Gaskell com sinais clínicos autonômicos como midríase bilateral e protusão de terceira pálpebra. (Fonte: MATEOS, 2003)

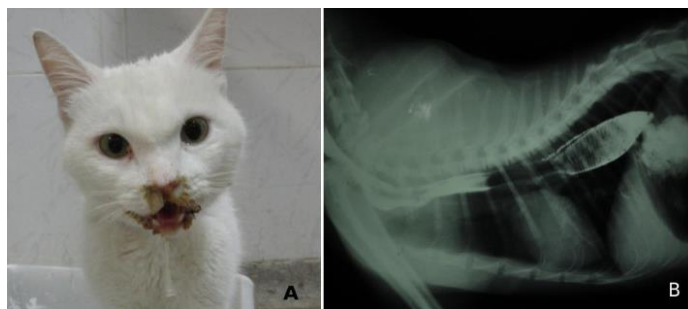


Figura 3: Felina de 17 anos portadora de Disautonomia Felina, ênfase nas pupilas dilatadas, nariz seco com crostas e salivação (A), além de dilatação moderada em toda a extensão do esôfago à radiografia (B). (Fonte: TORRES *et al*, 2013)

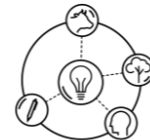
A literatura apresenta divergência quanto a apresentação da doença em residências com múltiplos felinos, variando entre presença da patologia na maior parte ou em todos os animais, mas apresentando quadros diferentes entre si e ainda sendo relacionada a uma epidemiologia onde apenas um felino afetado seria mais comum⁴.

A doença pode se apresentar de forma aguda, subaguda e crônica⁴, sendo a forma aguda mais comum⁶ e, por isso, é a forma considerada para compilação das informações para o presente trabalho. A taxa de mortalidade é alta e envolve tanto o óbito pela doença quanto a eutanásia dos animais, havendo raros casos de sobreviventes e que podem levar mais de um ano para se recuperarem⁶.

O diagnóstico presuntivo é feito a partir dos sinais clínicos e exames de imagem⁶, excluindo outros diferenciais. O diagnóstico definitivo é realizado a partir de exame histopatológico de gânglios autonômicos com achados compatíveis com degeneração neuronal^{5,6}. É comum que haja diagnóstico *post mortem*⁷.

Não existe tratamento específico para a disautonomia felina, dessa forma, é feito um tratamento suporte com base nos sinais clínicos apresentados pelo animal. De forma geral, a literatura cita o uso de drogas colinérgicas, Betanecol subcutâneo (1.25 a 5mg BID) e com ênfase na utilização de colírio a base de Pilocarpina para estímulo de lágrimas e atenuação da fotofobia por meio da promoção de contração de miose^{2,7}. Algumas medidas de manejo podem ser tomadas para maior conforto do animal, como o uso de umidificadores para alívio do ressecamento das mucosas².

XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Síndrome de Key-Gaskell é uma doença grave, de prognóstico desfavorável e de difícil diagnóstico, tanto por cursar de forma aguda, possuir sinais inespecíficos e ser diagnosticada por meio de exclusão de outros diferenciais quanto por desconhecimento da doença por parte dos profissionais. Dessa forma, essa doença urge de discussões e estudos para maior esclarecimentos e atualização dos profissionais para melhor preparo na rotina clínica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KIDDER, A.C., *et al.* Feline dysautonomia in the Midwestern United States: a retrospective study of nine cases. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 10, pág. 130-136, ago. 2008.
2. O'BRIEN, D.P.; JOHNSON, G.C. Dysautonomia and autonomic neuropathies. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Missouri, v. 32, n. 1, jan. 2002.
3. MATEOS, A. D. La disautonomía felina (síndrome de Key-Gaskell): Caso Clínico. **Revista AVEPA**, Londres, v. 23, n. 1, pág. 37-42, 2003.
4. ROCHA, K. S. **Disautonomia Felina – Revisão Bibliográfica**. Orientador(a): Profa. Dra. Ana Cristina Pacheco de Araújo. 2016. 32 pág. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Especialização em Clínica Médica de Felinos Domésticos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148214/001000748.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2023.
5. TORRES, B. B. J., *et al.* Key-Gaskell syndrome in Brazil: first case report. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v. 66, n. 4, pág. 1046-1050, dez. 2013.
6. SCHAEFER, G. C., *et al.* Megaesôfago secundário a disautonomia felina (Síndrome de Key-Gaskell) em um gato. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, pág. 1-4, out 2016.
7. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**, 5º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.
8. STALLINGS, M. Dysautonomia (Canine). **VINyclopedia of Diseases**, fev. 2014.

APOIO:

